

A Formação de um Profissional Reflexivo

Fátima Maria de Freitas Albertino¹
Nadia Aparecida de Souza²

Resumo

O texto apresenta uma reflexão acerca da importância de implementar espaços e tempos que favoreçam a formação do profissional reflexivo. Para tanto, volta-se para uma realidade de formação e de trabalho específicos: a enfermagem, uma vez que no decorrer dos últimos anos vem tornando-se cada vez mais premente a formação de profissionais comprometidos com as questões que se interpõem em seu cotidiano, bem como, capazes de refletir na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação, enquanto possibilidade para aperfeiçoar seu saber e seu fazer.

Palavras-chave: profissional reflexivo, formação, teoria-prática.

¹ Mestre em Educação, enfermeira e professora no Centro Universitário Filadélfia – Londrina/Paraná. fatimaalbertino@uol.com.br

² Doutora em Educação, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional, professora na Universidade Estadual de Londrina – Londrina/Paraná. nadia@uel.br

The Formation of a Reflexive Professional

Abstract: The text presents a reflection upon the importance of implementing room and time that favor the formation of the reflexive professional. Thus, it turns to specific formation and work realities: nursing, once over the last years the formation of professionals committed with issues that cross their daily routines has become more pressing, and also capable to reflect upon action, upon action and reflection in action, while a possibility to improve their knowledge and their “doing”.

Keywords: reflective professional, formation, theory-practice.

Educação em enfermagem tem o duplo mérito de denunciar com clareza e ousadia os problemas e dificuldade da área e ao mesmo tempo apontar, com igual coragem, os caminhos de uma nova maneira de entender e sentir a realidade com a qual nos defrontamos. Essa visão elaborada com intransigente rigor científico, só poderia vir à luz pelo esforço reflexivo e a prática de uma equipe de enfermeiras comprometidas com a educação e com a clientela atendida (Nakamae, 1998, p. 25).

Para isso, faz-se necessário que o futuro profissional de enfermagem integre a ação à reflexão, que aprenda a ser enfermeiro, sendo enfermeiro ainda quando acadêmico; que construa o seu fazer, fazendo e, principalmente, considerando a realidade social, política e cultural da sociedade brasileira de hoje; que entrelace o conhecimento científico e empírico ao conhecimento reflexivo e intuitivo; que tenha participação ativa e crítica, não aceitando o conformismo, antes assumindo riscos em busca de transformações verdadeiras e profundas.

Portanto, para preparar um profissional de enfermagem dotado de capacidade para atuar em uma sociedade em constante movimento, são necessárias alterações no sistema de formação do aluno de enfermagem, alterações que passam pela reestruturação dos currículos, pela modernização dos métodos de ensino e pela reconfiguração dos sistemas de controle do processo de formação.

A formação profissional fundamentada em uma “mistura” entre: ciência, técnica e arte, propicia a vivência de situações nas quais o futuro profissional, ao se deparar com situações instáveis, complexas e indeterminadas, atue de forma inteligente e criativa, favorecendo a percepção dos problemas em todos os seus ângulos, refletindo profunda e intensamente sobre o observado e o vivido e, conseqüentemente, construindo ativamente o conhecimento. Assim, as situações de conflito embasam a tomada de consciência e a compreensão da natureza do problema mediante a desconstrução de certezas na reconstrução de possibilidades, num progressivo arquitetar de cenários interpretativos possíveis. Um profissional que faça reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão sobre a reflexão na ação (Schön, 1995).

Mas ... o que é ser um profissional reflexivo?

Ser profissional reflexivo nada mais é que uma forma especial de pensar, de buscar a verdade e a justiça, por meio de atitudes de questionamento e de curiosidade, e da utilização do pensamento como atribuidor de sentido, principalmente porque a reflexão visa melhorar o conhecimento e a ação, constituindo-se uma capacidade que deve ser cultivada em condições favoráveis para desabrochar (Alarcão, 1996).

Na enfermagem, o pensamento crítico pode ser definido como: pensamento reflexivo e racional utilizado nas tomadas de decisão (Ennis, 1985), visto que favorece a realização de julgamentos baseados em fatos, em princípios da ciência e no método científico, objetivando o desenvolvimento de estratégias comprometidas com a maximização do potencial humano e com a compensação dos problemas causados pela própria natureza humana (Alfaro-Lefevre, 1996). Assim, “o processo de pensamento crítico significa, além da reflexão, análise e síntese, a capacidade de justificar nossas idéias e ações” (Waldow, 1995, p. 113).

O pensamento crítico é um processo de envolvimento político que se origina em eventos tanto positivos como negativos e que produz atitudes contextualizadas – em um tempo e em um espaço. Todavia, por pressupor valores e experiências, ultrapassa as barreiras muitas vezes impostas pela atividade racional e mecânica, gerando ações e condutas que, apesar de incitarem respostas emocionais, intuições, sensações e sentimentos, geram transformações e imprimem um novo significado ao trabalho de enfermagem (Waldow, 1995).

Destarte, pensar criticamente é uma atividade de suma importância que pode – e necessita – ser desenvolvida pela combinação de diferentes estratégias:

atividades de observação – onde as habilidades de ouvir, ver e sentir são as mais importantes; atividades de escrita – várias, entre as quais as mais comuns, efetivas e práticas são os diários, questionários, traba-

lhos de reação, atividades de pesquisa, análise e síntese; atividades de ação – incluem atividades tais como simulações, jogos, *scripts*, situações-problema, entre outras (Waldow, 1995, p. 114-115).

Não é fácil combinar essas estratégias, principalmente considerando a importância da preservação de um espaço para a vivência do binômio teoria-prática, pela integração constante entre o ensino e o cotidiano profissional, pela associação progressiva das competências no cuidado ao experimentar o ato de ministrar o cuidado, adquirindo, em consequência,

habilidades para atuar no mundo real da profissão, onde pode vivenciá-lo a partir de normas e padrões preestabelecidos ao aplicar o conhecimento preexistente; ou aprender através da experiência clínica, onde o conhecimento gerado pela situação vivida é incorporado ao conhecimento teórico anteriormente assimilado (Pereira; Galperim, 1995, p. 192).

Através do exercício da reflexão, no decorrer das experiências de aprendizagem, através da crítica e da análise do realizado no decorrer da própria ação, o aluno tem oportunidade de crescer à medida que sua aprendizagem é enriquecida pelo confronto do teoricamente proposto com o efetivado na prática, com isso, as repercussões não se limitam à formação acadêmica, mas determinam, também, a melhoria do processo do cuidado de enfermagem. Quando o aluno reflete sobre aquilo que realizou, cresce, enriquece e muda o seu desempenho, pois, o “processo de reflexão e reformulação do desempenho conduziu à busca de fundamentação teórica para desenvolver o cuidado e, ainda, alcance de segurança, domínio, organização, autoconfiança e competência” (Pereira; Galperim, 1995, p. 192).

Quando o aluno vai para o campo de estágio com o objetivo de atuar em situações reais, deve haver uma convergência das atividades executadas com os conteúdos teóricos propostos, visando uma retroalimentação dinâmica e constante. As tensões, geradas nesse cotidiano impregnado de responsabilidades, que envolvem vida e morte, impulsionam para a busca, para a criatividade e para a tomada de decisões rumo à proposi-

ção de soluções para os muitos problemas e paradoxos que vão aparecendo. Nesse contexto, teoria e prática atuam, interagem e orientam para novas ações, de forma que este “processo reflete a reflexão-ação-reflexão que constitui a *práxis* profissional, através da interligação do pensar e do fazer” (Pereira; Galperim, 1995, p. 193).

Todavia, é importante frisar que, para a promoção de uma prática reflexiva, é fundamental haver integração significativa entre o conhecimento acadêmico, o teórico, o científico e o técnico, não em parcelas semânticas, “mas em esquemas de pensamentos mais genéricos activados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência” (Pérez Gómez, 1995, p. 102).

O desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem fundamentado no confronto entre teoria e prática, repercute no saber e no fazer do aluno – mais consistente e significativo – e ecoa no exercício profissional, porque este será fruto de uma melhor compreensão do processo de cuidar – quer como assistência, quer como administração de unidade. A intenção é diminuir, quando não eliminar, o hiato existente entre o ensino e as práticas concretizadas no cotidiano profissional.

Portanto, não é possível separar a teoria científica da prática dela derivada, principalmente porque “ao isolar a teoria da prática ou a prática da teoria o homem é destituído de sua capacidade de agir de forma consciente, é impossibilitado de compreender os condicionamentos que o determinam, é privado da possibilidade de (re)construir sua realidade” (Souza, 1999, p. 65).

Teoria e prática, portanto, não podem ser isoladas, já que dar primazia à teoria, “em detrimento da prática, significa relevar o conhecimento sistematizado enquanto produto assente, a ordem social instituída como imutável, a realidade existente enquanto definida e consolidada”. Por outro lado, enfatizar a prática, em prejuízo para a teoria, “significa distinguir a ação, normalmente espontânea e irre-

fletida, que privilegiando a proposição do conhecimento isolado das condições históricas e sociais de sua produção, termina por legitimar a realidade existente, reproduzindo-a” (Souza, 1999, p. 66).

E, na enfermagem, é fundamental a formação de profissionais reflexivos – conscientes de que “se é na prática que a teoria tem seu nascedouro, sua fonte de desenvolvimento e sua forma de consecução, é na teoria que a prática busca seus fundamentos de existência e transfiguração” (Souza, 1999, p. 69) – pois esta é uma profissão de quem trabalha com o bem-estar de pessoas, na saúde e na doença; de quem vivencia momentos de extrema alegria e também de profunda tristeza, enfrentando situações das mais simples às mais complexas no atravessar de uma porta, tendo que prescrever, realizar e/ou acompanhar intervenções diferenciadas e específicas. O enfermeiro exerce seu ofício numa multiplicidade de situações que exigem dele, permanentemente, ação e reflexão, trânsito da teoria para uma prática cada vez mais eficaz e da prática para um maior conhecimento da teoria.

Assim, a formação do profissional de enfermagem deve favorecer a integração entre teoria e prática, uma vez que

teoria e prática constituem um todo único, produzido na dinâmica da evolução humana em um contexto e em um tempo. Não há prevalência de uma sobre a outra, há interdependência. Não há determinação de uma em relação à outra, há reciprocidade. Não há reticências de uma para a outra, há dinamicidade (Souza, 1999, p. 67).

O profissional da área da saúde não pode ficar preso a técnicas, a rotinas ou a processos conhecidos, reproduzidos de maneira mecânica, acrítica e muitas vezes desvinculados do contexto que os demandou, mas deve organizar novas técnicas, encontrar outras maneiras de realizar os procedimentos, enfim, deve inovar, ser criativo, descobrindo novas e mais adequadas soluções para os muitos problemas que emergem no dia-a-dia de trabalho.

Em situações nas quais o paciente necessita de intervenções rápidas, o acadêmico reflete na ação, sem interrompê-la, sem que seja necessário cessá-la, mas apenas recorrendo a um breve distanciamento

para a reformulação do que está sendo feito para uma possível mudança da conduta, visando sempre a preservação do bem estar e, muitas vezes, da vida do paciente. Após a conclusão dos procedimentos deve haver uma reconstrução de todo o processo, e uma análise das condutas e procedimentos tomados, na tentativa de detectar, ainda, eventuais falhas ou descobrir possibilidades de aperfeiçoamento. É realizada, então, uma avaliação da qualidade da assistência, uma reflexão sobre a ação e, finalmente, uma reflexão sobre a reflexão na ação, que determina as próximas ações, pelo comprometimento com a compreensão e/ou a superação de futuros problemas e pelo delineamento de novas soluções.

Desse modo, define-se o compromisso do futuro profissional pela atualização constante de seus saberes e pelo aperfeiçoamento progressivo de suas práticas pelo evoluir da ação-reflexão-ação, pois o profissional que trabalha de forma inconsciente e mecânica, que não reflete na e sobre a ação, corre o risco de reproduzir automaticamente a sua prática, de bloquear a aprendizagem e, pior, de colocar em risco os pacientes sob seus cuidados. Dessa forma, é importante reconhecer que, ao dissociar a teoria da prática, a ação da reflexão, o profissional de enfermagem acaba

fossilizando e repetindo, aplicando indiferentemente os mesmos esquemas a situação cada vez menos semelhantes. Fica incapacitado de entabular o diálogo criativo com a complexa situação real. Empobrece-se o seu pensamento e a sua intervenção torna-se rígida. Progressivamente, torna-se insensível às peculiaridades dos fenômenos que não se encaixam nas categorias de seu empobrecido pensamento prático e cometerá erros que nem sequer conseguirá detectar (Pérez Gómez, 1995, p. 106-107).

Refletir na ação e sobre a ação é um processo rico na formação do profissional, é um instrumento fecundo para a aprendizagem, principalmente quando há flexibilidade e abertura para vislumbrar cenários mais complexos de interação entre teoria e prática.

Refletir sobre a ação e sobre a reflexão na ação exige que, após a ação, o profissional descreva, analise e avalie os vestígios deixados na memória por intervenções anteriores, valendo-se do conhecimento teórico edificado, com a intenção de compreender, aperfeiçoar e reconstruir essa prática objetivando situações futuras.

Mas, a formação de profissionais que tenham o hábito de refletir na ação e sobre a ação exige e pressupõe que, no contexto acadêmico, sejam promovidas situações que levem o aluno a refletir, a encontrar soluções, a descobrir suas potencialidades e suas limitações, de modo a procurar em “seu passado aquilo que já sabe e que já é e, sobre isso, construir o seu presente e o seu futuro, tem de ser capaz de interpretar o que vê fazer, de imitar sem copiar, de recriar, de transformar. Só o conseguirá se refletir sobre o que faz e sobre o que vê fazer” (Alarcão, 1996, p. 18).

O aluno de enfermagem, muitas vezes esbarra em situações de conflito ao gerenciar a assistência de enfermagem; nesses momentos ele busca o professor para discutir o problema. Cumpre ao professor, nessas ocasiões, abordar as dificuldades sob outra perspectiva e, então, fazer esquemas e/ou desenhar, comparar as situações do momento com outros casos, enfim, auxiliar o aluno a refletir sobre o problema que ocorre, a reformulá-lo, teorizando na tentativa de operacionalizar as intervenções subseqüentes, a considerar outras possibilidades de intervenções e a encontrar uma solução mais efetiva. De forma que,

quando o diálogo funciona bem, ele toma a forma de reflexão-na-ação recíproca. A estudante reflete sobre o que escuta o instrutor dizer ou vê fazer e também reflete sobre o ato de conhecer-na-ação envolvido em sua *performance*. E o instrutor, por sua vez, pergunta-se o que essa estudante revela em termos de conhecimento, ignorância ou dificuldade e que tipos de respostas poderiam ajudá-la (Schön, 2000, p. 128).

Destarte, no dia-a-dia, a prática pedagógica deve favorecer um fluxo bilateral, no decorrer do qual professor e aluno estabelecem uma constante comunicação, atuando o docente como facilitador do desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo do futuro profissional, num relacionamento horizontal e dinâmico, orientado para a autonomia que deve estar fundamentada no reconhecimento do valor do

outro, possibilitando o estabelecimento de uma ponte entre o referencial teórico e as ações executadas no campo de atuação profissional. Assim, o professor – no interior da sala de aula ou no acompanhamento do processo de trabalho – constitui-se, na verdade, “um coordenador que propõe e evidencia situações, levando o aluno a observar, refletir e desenvolver suas idéias e a adquirir outros conhecimentos” (Pettengill, 1998, p. 19).

O profissional de enfermagem deve estar apto para: buscar estratégias apropriadas de resolução de problemas, com abertura e disponibilidade para modificações, complementações, reorganizações, se necessário for. Se obstáculos aparecem, estes devem ser encarados como meios para chegar aos resultados esperados. Assim, no decorrer do processo de formação, o aluno tem que aprender a aprender, tem que ampliar a capacidade de ir em busca de soluções para as dificuldades que encontra no exercício da profissão, principalmente considerando que a “dúvida é sua companheira permanente e o erro é considerado importante no processo de construção do conhecimento. O conhecimento é sempre provisório, um processo que se refaz a cada momento” (Cunha, 1996, p. 122).

O profissional de hoje encontra um mundo em transformação e um cenário sócio-cultural que precisa de um fazer competente e compromissado, o que exige dele o desenvolvimento de capacidade crítica e reflexiva. Por conseguinte, o estudo de enfermagem deve ir além de técnicas e rotinas, encaminhando-se no sentido de realizar descobertas, desencadear um pensar crítico, em que refletir na ação ou sobre a ação faz parte da rotina diária, em que teoria e prática, apesar de distintas, apresentam-se entrelaçadas, de tal forma que

conhecer-na-prática é exercitado nos ambientes institucionais particulares da profissão, organizados em termos de suas unidades de atividade características e seus tipos familiares de situações práticas e limitado ou facilitado por seu corpo comum de conhecimento profissional e seu sistema apreciativo (Schön, 2000, p. 37).

Assim, o professor, em determinados momentos, vai facilitar o aprendizado, fornecendo ferramentas especiais que permitem uma reflexão mais profunda; vai criar situações conflitantes, muitas vezes

consideradas impossíveis de serem resolvidas, objetivando, por meio do conflito criado, levar ao diálogo e à reflexão, principalmente porque

é necessário convidar os jovens à reflexão, ajudá-los a pensar o mundo físico e social, as práticas e saberes específicos, com o rigor e a profundidade compatíveis com o momento em que vivem. Ensinar é ajudá-los a adquirir o hábito de trabalho intelectual, a “virtus”, a força para buscarem a verdade e a justiça, para se rebelarem contra o instituído, para estarem sempre insatisfeitos com as explicações que encontrarem, com a sociedade na qual vivem, com a realidade que enfrentam no mundo do trabalho (Coelho, 1996, p. 40-41).

Refletindo sobre o seu fazer e, portanto, confrontando-o com os fundamentos teóricos que o dirigem e o determinam, o aluno aprende a construir um novo saber e um novo fazer, orientado pelas situações-problema com as quais se depara no exercício profissional, tracejando – numa perspectiva de futuro – um novo universo de atuação, mais competente, porque teoricamente fundamentado sobre práticas anteriormente desenvolvidas, mesmo porque

na perspectiva da unicidade teoria-prática a apropriação dos conhecimentos teóricos não se constitui em processo passivo e acrítico, mas em aquisição – fruto de reflexão, elaboração e reelaboração constantes – fundamentada nas necessidades concretas propostas pela realidade de vida e de trabalho e voltada para a (re)orientação dos processos de ação e intervenção (Souza, 1999, p. 72-73).

Nessa perspectiva, o ensino de enfermagem vem para possibilitar a formação de um profissional que atue com inteligência, embasado no conhecimento científico. Para que a formação do profissional reflexivo seja assegurada torna-se essencial a procura de coerência entre as atividades desenvolvidas e o suporte teórico adquirido das ciências básicas e das ciências aplicadas.

O professor, atuando como mediador, instiga e favorece o aluno para que vivencie e confronte as mais variadas rotinas e as mais diversificadas técnicas, colocando face a face teorias e práticas, e le-

vando o aluno a desenvolver uma forma diferenciada de intervir com coerência e, tornando-o capaz de gerir a própria aprendizagem e de procurar meios e estratégias relevantes para solucionar os problemas vividos pelo indivíduo que necessita de assistência.

Mas, longe de apenas comprometer-se durante o período de formação acadêmica com o crescimento e aperfeiçoamento profissional, o aluno precisa reconhecer que, ao mergulhar no mundo profissional, o seu desenvolvimento pessoal, social e, principalmente, profissional, estará sob sua própria dependência. Apenas quando compreender a importância de refletir, durante o processo de trabalho, sobre as ações executadas, ele poderá comprometer-se com a superação das dificuldades e com a vitória sobre as rotinas destituídas de significado.

O futuro profissional, portanto, precisa aprender a refletir na ação e sobre a ação, superando regras ou dando-lhes novo valor sempre que necessário para o exercício de seu fazer, pois

é a atividade teórico – prática do homem que motiva e promove, criticamente, transformações na realidade objetiva e no próprio homem. Nesse sentido pode-se afirmar que é a atividade (o conhecimento teórico – prático do homem) que assegura ao ser humano as condições sócio-culturais e as bases materiais de sua própria existência. Desse modo, a teoria – o conhecimento – é um momento da prática – a ação – assim como a prática é um momento da teoria e do próprio pensar (Rays, 1996, p. 37).

Ao desenvolver a capacidade de refletir na ação e sobre a ação, confrontando constantemente a prática com a teoria, os futuros profissionais de enfermagem estarão edificando as bases necessárias para o seu autodesenvolvimento permanente, por conscientizarem-se dos processos que vivenciam para enfrentar e resolver as dificuldades inerentes ao cuidado ao paciente. Essa consciência evolui “à medida que refletem sobre e a partir de sua prática, condição para construir novos saberes e para modificarem suas práticas” (Pimenta, 1996, p. 62).

O profissional será um construtor de novos horizontes, repletos de possibilidades de transformação, viabilizando meios para um atendimento de qualidade e para uma convivência profissional e social mais comprometida com o progresso e com a superação das mazelas e dificuldades que marcam o aqui e o agora.

Bibliografia

ALARCÃO, Izabel. Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. In: ALARCÃO, Izabel (Org.). *Formação reflexiva de professores*. Porto: Porto Editora, 1996. p. 9-39.

ALFARO-LEFREVE, Rosalinda. *Pensamento crítico em enfermagem: um enfoque prático*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 190p.

COELHO, I. M. Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. (Org.). *Formação do educador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1996. 3 v, v. 1, p. 17-46.

CUNHA, Maria Isabel. Relação ensino e pesquisa. In: VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*. Campinas: Papirus, 1996. p. 115-126.

ENNIS, Robert H. A logical basis for measuring critical thinking skills. *Educational Leadership*, n. 43, p. 44-48, Oct. 1985.

NAKAMAE, Djair Daniel. Préfácio. In: SAUPE, Rosita (Org.). *Educação em enfermagem: da realidade construída à possibilidade em construção*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998. p. 21-25.

PEREIRA Rosane Carrion Jacinto; GALPERIM, Mara Regina de Oliveira. Cuidando-ensinando-pesquisando. In: WALDOW, Vera Regina; LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann (Org.). *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 189-203.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA António (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 93-114.

PETTENGILL, M. A. M. *et al.* O professor de enfermagem frente às tendências pedagógicas. Uma breve reflexão. administração em enfermagem: percepção diante da vivência profissional. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 16-26, abr. 1998.

PIMENTA, S. G. (Org.). *Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cortez, 1996.

RAYS, O. A. A relação teoria – prática na didática escolar crítica. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Didática: o ensino e suas relações*. Campinas: Papyrus, 1996. p. 33-52.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Org.). *Os professores e a sua formação*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-91.

SOUZA, Nadia Aparecida de. *A avaliação da aprendizagem na construção do saber e do fazer docente*. 1999. 291f. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências; Universidade Estadual Paulista, 1999. (Tese de Doutorado em Educação).

WALDOW, Vera. Regina. Desenvolvimento do pensamento crítico na enfermagem. In: WALDOW, Vera. Regina; LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann (Org.). *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 109-123.